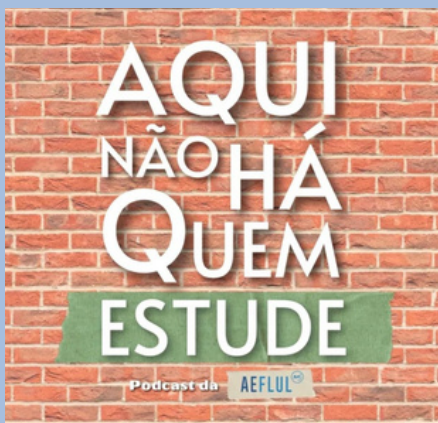


DA CANETA AO LIVRO



Agenda
ACADEMICA



Estejam atent@s! Episódios fresquinhos do *podcast* da nossa Associação de Estudantes! Prepara-te que podes ser apanhado de surpresa num deles.

Bright Shell p.07

“Só me vi em ti. Quando beijei tua cabeça e de perto vi teus cachos azuis e verdes. Cada ondulação é diferente, sabia? Quero acomodar toda a direção em mim. Só me amaste quando sorri feio e mostrei cada reflexão. É bom sorrir. Mas te deixa transparente. Cada sorriso trocado no metrô me desvenda. Acho que é o preço a pagar por ter tanto ouro nas linhas bem cravadas do rosto. E que preço bom!”

Perfumaria p.24

“Um ano antes, tinha feito um curso de perfumaria durante o verão. Criei fragrâncias para todas as ocasiões, cada uma melhor do que a anterior. Mas, desde que o conhecera, todas me pareciam mediócras.

Enquanto ele descansava ao meu lado, perguntei-me se absorvia o meu cheiro como eu absorvia o dele. — O meu cheiro é especial para ti? — perguntei, à procura de qualquer indício de mentira.

— Especial? Gosto de como cheiras, se é isso que queres dizer.

— O meu cheiro é como o dela?”

Nota de Abertura

Bom dia, boa tarde e boa noite, leitores d'O Cola.

Chegou o momento de vos apresentarmos a nossa última edição enquanto direção d'O Cola. Desde o início do nosso mandato, a 17 de setembro de 2024, foi com enorme dedicação e, acima de tudo, com o maior prazer, que trabalhámos com e para vocês. Escrevemos, editámos, traduzimos, fizemos de tudo para garantir a melhor qualidade possível do primeiro ao último parágrafo.

Entre noites passadas em branco e horas a olhar para o ecrã até a língua portuguesa deixar de fazer sentido, cada esforço valeu a pena. Nos últimos dois anos, nós crescemos exponencialmente. Crescemos como equipa, como projeto, como comunidade. O Cola tornou-se maior, mais plural, mais lido e mais vivido, e saber que fizemos parte desse crescimento é algo que nos enche de orgulho.

Partimos agora com a certeza de que deixamos este jornal nas mãos de uma direção entusiasmada e cheia de ideias. Saímos com o coração cheio e a consciência tranquila, sabendo que demos tudo o que tínhamos e mais um pouco. Entregamos O Cola melhor do que o encontramos, tal como sem dúvida a nova direção também fará.

O jornalismo académico é uma das ferramentas mais poderosas que os estudantes têm ao seu alcance. É um espaço de voz, de liberdade, de criação e de resistência. É uma forma de dar a conhecer projetos, de levantar causas, de partilhar ideias. Que nunca deixemos de escrever. Que nunca deixemos de nos ouvir.

Obrigado, de coração, por terem estado desse lado. Obrigado por confiarem em nós com a vossa voz. Obrigado por nos acompanharem dia após dia. Obrigado por partilharem connosco as vossas ideias, opiniões e histórias. Sem os seus leitores, O Cola não existe.

Os diretores d'O Cola,
Carolina Franco & Ricardo Cerdeira.

TOP 5

FEIRAS E MERCADOS Medievais em Portugal

2



Aljubarrota Medieval

Esta Feira Medieval, de entrada livre, visa celebrar a derrota do exército castelhano pelas tropas portuguesas que se deu em 14 de agosto de 1385. Inclusive, o próprio local onde o evento se realiza — a zona histórica da Vila de Aljubarrota, no concelho de Alcobça — remete ao grande tema anual desta reconstrução histórica, onde se assiste a uma recriação da Batalha de Aljubarrota, torneios a pé e a cavalo, espetáculos de malabarismo, peças de teatro e mostras de armas. Para além disso, os visitantes podem provar verdadeira comida medieval nas tavernas e comprar produtos tradicionais (como mel, frutas, pão da padeira, licores, compotas, olaria, bordados e fogaças) nas bancas presentes na feira.



Viagem Medieval em Terra de Santa Maria

Criada em 1996, a Viagem Medieval em Terra de Santa Maria é não só a Feira Medieval mais antiga de Portugal, mas como também a maior da Península Ibérica e das maiores de toda a Europa! Esta dá-se anualmente entre o final de julho e a primeira semana de agosto em Santa Maria da Feira, distrito de Aveiro. Ao longo dos 12 dias do evento, o visitante depara-se com diversas atividades: mais de 110 espetáculos diários (históricos, de dança, etc. — três dos quais são de Grande Formato — que acompanham os acontecimentos que marcam o reinado retratado na edição corrente), distribuídos por 17 zonas temáticas e 5 praças de animação, atividades destinadas a crianças e, claro, gastronomia medieval. Além disso, todas as edições anuais desta feira são resultado de uma extensa pesquisa histórica, o que garante uma maior legitimidade e precisão das recriações ao nível dos trajes, dos cenários e das atividades temáticas.

Mercado Medieval de Sintra

Estabelecido nas ruas da Vila de Sintra, distrito de Lisboa, o Mercado Medieval de Sintra ocorre anualmente e engloba diversas atividades, desde música típica da época a espetáculos de dança, venda de artesanato local e gastronomia medieval.



4

Mercado Medieval de Óbidos

Situado dentro das muralhas do Castelo de Óbidos, este Mercado Medieval realiza-se todos os anos no mês de julho, variando apenas de tema (em 2025, o foco incidirá sobre a história de amor entre D. Pedro e Inês de Castro). Os visitantes podem assistir a diversas palestras, espetáculos (de dança, malabarismo e acrobacia, teatro, entre outros) e a torneios de cavalo. Adicionalmente, podem aventurar-se na gastronomia medieval e explorar as várias bancas que vendem diversos produtos, desde coroas de flores a artesanato local.



3

Dias Medievais em Castro Marim

Localizado perto do limite territorial entre Portugal e Espanha, no Castelo de Castro Marim (distrito de Faro), este evento oferece uma grande variedade de atividades, como torneios a pé e a cavalo, espetáculos de teatro de rua, banquetes medievais ao som de música da época e uma feira de artesanato e mercadorias. Todas estas atividades e espetáculos podem ser aproveitados ao longo dos quatro dias e noites nos quais esta Feira Medieval se dá.

5

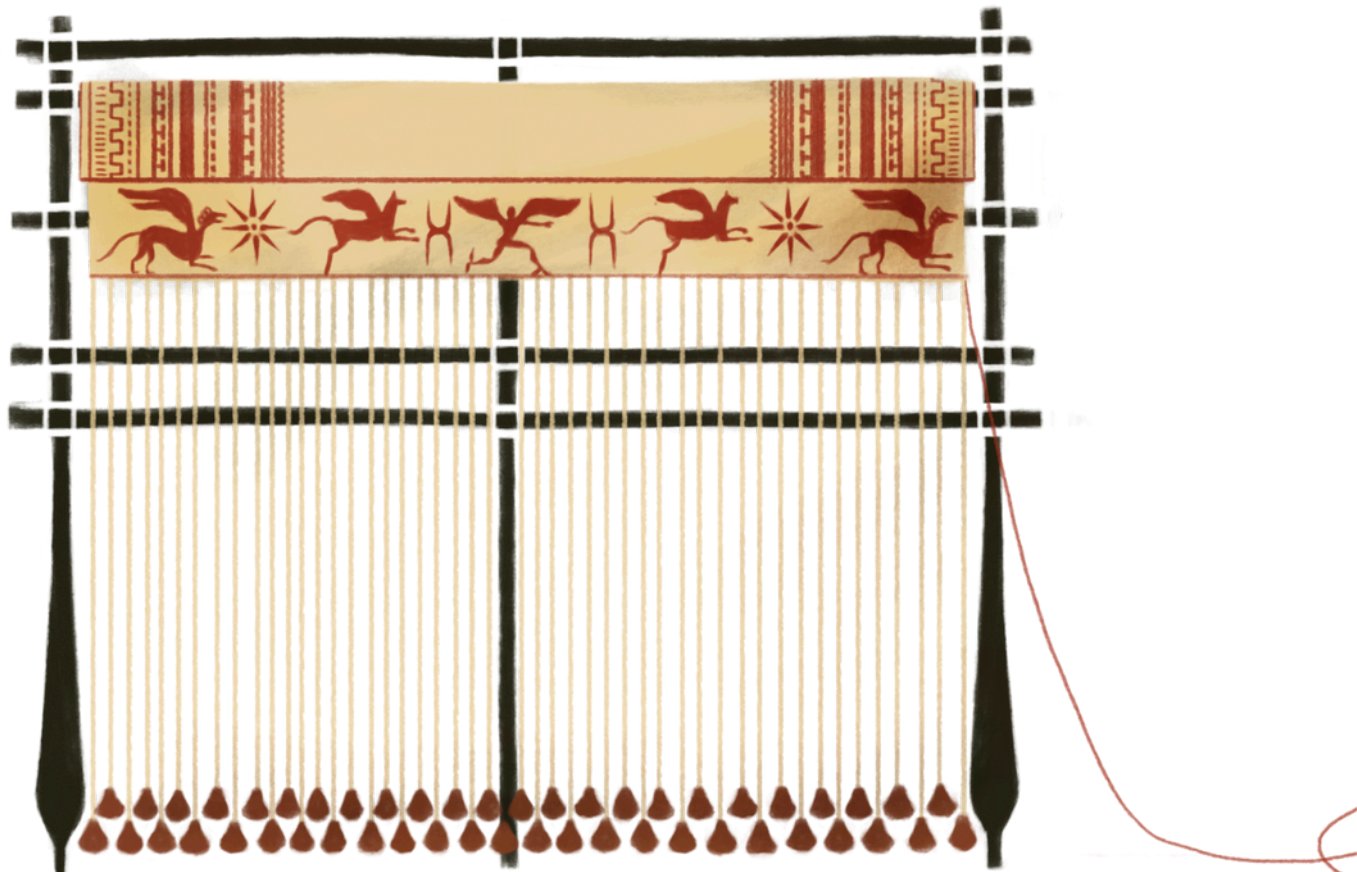


Teia da Penélope

Autoria: Beatriz Brito
Edição: Lourenço Ramos
Ilustração: Yuna Le Quéré

Eu não sou como Ulisses. Não sou o seu espelho, não ando como ele, não mato como ele. Sou a sua mulher perfeita, em perfeito desespero como uma marioneta de trapos sentada num castelo de ouro que não tem rei, esperando-o enquanto bordo a coroa que a ele serve perfeitamente. As linhas do meu vestido entrelaçam-se com a tecelagem que teço e teço até ser obrigada a acabar de tecer. Enquanto o manto não se termina, nem o homem morre nem a mulher se detesta — o que no meu caso é propício — pois mulher detestada por boca e palavra já têm a Helena. Pobre desafortunada... Culpada certamente por se ter deixado levar, tal como mar agitado recolhe pequenas conchas da areia quente como lar, como fogo que ferve e arde, destrói as leves folhas que recuam ao seu toque.

Quando digo que não sou como Ulisses, utilizo toda a função da palavra “não”.



Não sou forte, não sou homem, não sou herói — de todo. Para ser herói eu teria de carregar uma função mais nobre do que esperar vinte anos a tecer um manto para um pai que não é meu, a educar um filho que pela lei não me pertence, enquanto andava de lá para cá, esposa perfeita — perfeita desavergonhada, de coração inventado¹. A vulgar esperança que dei aos pretendentes... Uma pessoa julgaria que passar anos a fio, todos os dias, a tecer e a destecer um manto poderia ser lido como uma rejeição mais do que como uma provocação. Talvez o meu manto não era o que eu pensava, é possível que fosse uma teia: a teia de Penélope. A teia de mentiras que teci e bordei em forma de escudo, pensando ingenuamente que as suas armas violentas dignas de homens não penetrariam em linha e agulha. Ou seria apenas uma rede delicada desenhada com crueldade para capturar presas, tal como as aranhas?

A questão que mais me atormenta é:

Seria eu a aranha ou a presa?



¹Heart's devising, como está na Odisseia de Homero.

O Monstro

Autoria: Rita Coelho
Edição: Lourenço Ramos
Ilustração: Yuna Le Quéré

Dormi a manhã inteira.
Vivi um sonho longo.
A minha cabeça latejava.
Teria sido aquele sono?

Pensava no que me dizias,
que me perdia no embalo,
que ele me levava a vida e
me engolia sem controlo.

Avisavas-me da culpa que eu não sentia,
da inutilidade do sonho que eu vivia
e da arte que era ser “mestre da vida”.

Evitavas saber que eu desejava mais
o embalo, o longo sono e os sonhos
do que o teatro da lida.

Durmo manhãs a fio,
mas sonho pouco.
As palavras repetidas
ressoam, ecoam em mim
num sufoco.

A culpa — sinto que se aproxima,
que vem para me assombrar —
não existe e é só um monstro
que planeaste criar.

A inutilidade do sonho
é a mesma da realidade
e a arte da mestria que é viver
é só mais uma subjetividade.

Quererei sempre dormir de manhã,
toda a manhã, por inteiro e a fio.
Quererei sempre que o embalo
me consuma, envolva e proteja do frio.
Quererei sempre silenciar o monstro
para que ele, como tu, desapareça
e não me avise nunca que partiu.



Bright Shell

Autoria: Natacha Vieira
Edição: Ricardo Cerdeira

Conchinha de Gaia, com um formato irregular, uma leve ondulação e um buraquinho tão pequeno que dificulta sentir as maravilhas do mundo. Vamos chegar perto! Sem medo. Quem precisa ter medo é quem não enxerga o buraquinho. Só me soube quando a Conchinha de Gaia brilhou e através do buraquinho dourado fui chamado pela maresia que sempre quis ser. E assim quero viver. Mergulhando onde não tem nem onda, nem praia. Mas o buraquinho sempre vai existir, seja na conchinha areal seja no seu bolso.

Só me conheci quando decidi sorrir. Sorrir p'ra mim, p'ra plantas, livros e desconhecidos. Sorrir porque agora sou livre. Agora sou melodia. Só me fui quando deixei de lado a mordida torta, a gengiva demasiada, o espaço tão odiado entre os dentes. Odiado sim, mas sempre brilhante. Não tem chance que me escape (de sorrir). E assim vou espreitando os buraquinhos da vida. Espreitando seu coração, a palpitação da vida.

Só me vi em ti. Quando beijei tua cabeça e de perto vi teus cachos azuis e verdes. Cada ondulação é diferente, sabia? Quero acomodar toda a direção em mim. Só me amaste quando sorri feio e mostrei cada reflexão. É bom sorrir. Mas te deixa transparente. Cada sorriso trocado no metrô me desvenda. Acho que é o preço a pagar por ter tanto ouro nas linhas bem cravadas do rosto. E que preço bom! É o desconto por finalmente ser e, agora, serei para sempre.

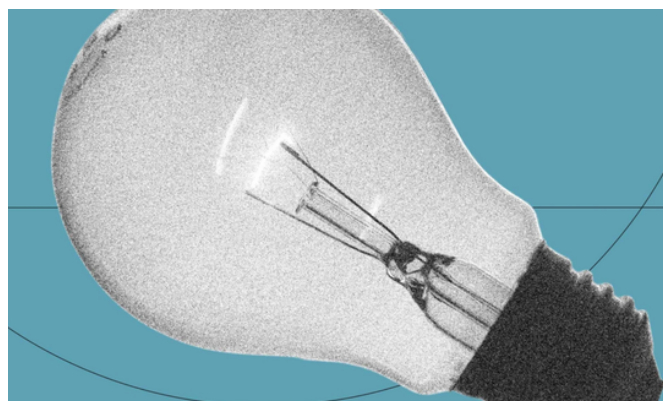
Todos os anos que não fui, alegria e epifanias enjauladas vão rebentar. Tô p'ra ver essa explosão. Que me chamem de louco pelo eco do meu sorriso, mas há que aproveitar. É o desconto por finalmente te ter.

Estou sorrindo agora, mesmo que você não possa ver. Estou sorrindo agora, mesmo que você nunca vá saber. Dentes expostos de saudade... Um dia ainda serei pra você tanto quanto foste pra mim. Não me culpe por covardia antiga e moça.

Estou sorrindo mesmo que tua memória antiquada de mim sejam apenas linhas sem expressão. Estou sorrindo por um futuro velho e ruguento! Que Deus me dê o prazer de te ver.

Se decidir me procurar, não vá me confundir. Me diga que está vindo, para que minha bússola de ouro permita te encontrar. Te encontrar! Como encontrei as maravilhas do mundo nas suas covinhas e beijei o sorriso morador de minhas madrugadas, esplanadas, ruas não populadas. Por cada gole sóbrio que embebedei até ver seu rosto na espuma da última cerveja da manhã. Literatura mágica essa de ler teus lábios.

Só me conheci sem ti. Quando virei o rosto e descobri meu daltonismo. Seus cachos eram azuis e verdes, sabia? Cada ondulação é diferente e quero acomodar toda direção fora de mim. Medo eu tenho é do tempo que esconde a beleza e ameaça fechar a fenda brilhante que é o buraquinho.



Bolsas Gulbenkian Novos Talentos | Candidaturas até 30 de setembro

Estão abertas até 30 de setembro as candidaturas às Bolsas Gulbenkian Novos Talentos, destinadas a estudantes de elevado mérito no ensino superior português. O apoio anual pode chegar aos 3.500 euros, incluindo formação, investigação e apoio social complementar. As candidaturas são feitas online, após registo no site da Fundação.

DA CANETA AO LIVRO



O jornal O Cola (núcleo estudantil da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) tem, entre outros objetivos, dar visibilidade a pequenos autores literários cujo percurso académico e desenvolvimento pessoal passam pelas várias salas e corredores da nossa FLUL.

A iniciativa Da caneta ao livro parte da vontade de dar a conhecer à comunidade académica, e particularmente à comunidade estudantil de Letras, novos talentos que se estreiam no mundo da escrita e da literatura. Considerando que Letras e o Ensino Superior podem e devem ser um meio de fomentação e difusão destas artes, o jornal O Cola entrou em contacto com duas brilhantes autoras que estudam atualmente em Letras — Ana Marta Cabrita e Diana Colaço — e que se disponibilizaram para partilhar com a comunidade as suas experiências enquanto escritoras e os seus processos de publicação.

A autora Ana Marta Cabrita nasceu em 2005, em Lisboa. Desde pequena, mostrou a sua criatividade, criando pequenas histórias sobre os amigos. Fã de História, mitologia, fantasia e romances, dá vida a mundos e histórias que crescem dentro da sua cabeça. Desde os treze anos que começou a escrever mais seriamente. Atualmente frequenta o terceiro ano de licenciatura em Ciências da Linguagem na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde desenvolve a sua escrita.

A autora Diana Colaço tem apenas dezanove anos e é natural de Viseu, Portugal. Frequenta atualmente o segundo ano da licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desde muito pequena, sente um grande amor pelas palavras e encontra nelas um abrigo. Sempre gostou de contar histórias, ler avidamente e jogar com a sua imaginação.

Numa colaboração especial com o nosso jornal, as duas autoras vêm agora preencher as próximas páginas da 16.^a Edição d'O Cola com palavras que prometem aconselhar e inspirar os seus leitores e, quem sabe também, futuros autores publicados.

Redigido por: Rita Coelho, Ricardo Cerdeira, Laura Prezzi

“DE UM MOMENTO PARA O OUTRO A NOSSA VIDA PODE MUDAR. EM APENAS UMA HORA, UM MINUTO, UM SEGUNDO.”

Muito antes de sequer pensar em partilhar as suas palavras com o mundo, a escrita já havia entrado na vida de Ana Marta Cabrita. “A escrita já vem desde que eu era pequena” — recorda. Entre histórias em quadrinhos e desenhos inventados nas brincadeiras, passou a dar forma às suas ideias através de textos. Por volta dos doze anos, trocou a banda desenhada pela prosa.

“De início era só um hobby, porque dizia: vou escrevendo aqui algumas coisas, vai ficar para mim, não é para publicar em lado nenhum.”

Esse passatempo foi, aos poucos, ganhando peso e profundidade. O que antes era somente uma “distração” acabou por se transformar numa necessidade pessoal e criativa.

“À medida que os anos foram passando e que fui crescendo, a escrita começou a ganhar mais importância na minha vida. Comecei a escrever muito mais.”

Ao ser questionada acerca do que a leva a escrever, a sua resposta foi clara: a possibilidade de oferecer aos outros aquilo que ela mesma sente quando lê algo de que gosta.

“Alguém pode gostar de ler, como eu gosto de ler as histórias de outras pessoas. Quando leio, penso: uau, eu gostei deste livro.”

É esta experiência de encantamento que ela pretende replicar. Daí a escolha do género literário. O livro de estreia será de fantasia, não apenas porque é o género que mais gosta de consumir em livros, séries ou filmes, mas também porque representa um desafio pessoal.

“Tinba uma ideia. Será que eu consigo criar um mundo de fantasia? Também foi um desafio para mim, ver se conseguia criar um mundo assim.”



Ana Marta Cabrita

¹A obra da autora ainda não tem uma capa final.

Conhecem aquela sensação de ler um livro ou ver uma série de madrugada, cheios de sono, mas sem conseguirem parar porque simplesmente não se cansam daquilo? Este é o exato sentimento que a jovem autora pretende trazer aos seus leitores.

“Quero que gostem da dinâmica dos personagens, que se sintam conectados a este mundo e que tenham aquela sensação de ‘Uau! Eu quero continuar a ler.’”

O modelo que a inspira são os clássicos que sempre a prenderam a todas as páginas e é essa experiência imersiva que a autora quer oferecer aos leitores.

Temos uma ideia de que os nomes dos personagens devem ser o que surge primeiro quando se escreve um livro. No caso desta autora, menciona que a atribuição de nomes bloqueia a sua escrita.

“Não coloco nomes aos personagens, só mais para o meio da história, quando já tenho as características definidas. Senti que os nomes travavam o processo, então deixo-os em aberto.”

Só depois de concluído o primeiro rascunho é que atribui nomes e avança para a fase de revisão.

“Termino o primeiro rascunho, escrevo o nome das personagens todas e depois começo a reescrever a história através desse primeiro rascunho até ficar com o projeto final.”

Esta característica mostra um equilíbrio entre liberdade criativa e reescrita estruturada. O seu primeiro impulso é deixar correr a imaginação. A maturação do texto surge depois, no processo de reescrita e reorganização.

“Primeiro pode surgir a ideia e deixo-a na minha cabeça. Se for importante, anoto uns pontinhos e deixo guardado. Depois gosto da parte em que vou escrever, deixo a imaginação fluir e escrevo o que me vier à cabeça.”

Assim como muitos escritores iniciantes, Ana Marta Cabrita guardou durante meses o manuscrito na gaveta, sem coragem de dar o passo seguinte.

“Este livro já estava guardado, pelo menos, há um ano. Estavam sempre a perguntar-me: ‘porque é que não procuras uma editora?’”

Foi então que, no dia do seu aniversário, levou o seu manuscrito da gaveta à editora. A escolha recaiu sobre a Oficina da Escrita, que encontrou no Instagram. Pouco tempo depois, recebeu a resposta que mudaria o rumo da sua vida: o interesse da editora em publicar a sua obra.

“Pensei: ‘vamos na fé; é o meu aniversário, talvez tenha sorte. Enviei e não pensei mais naquilo.’”

“Quando recebi a resposta de que me queriam publicar, fiquei super contente.”

Como acontece em qualquer jornada, nem tudo foi simples: o processo de publicação trouxe um sentimento que a desafiou, particularmente, na gestão da sua paciência.

“Aprendi sobre ter de ter paciência. É um processo muito demorado. Eu queria logo o projeto na mão e não pode ser [assim]. Tem de ser feito com calma, com todos os cuidados possíveis, para correr bem.”

A sua ansiedade de ver o livro impresso cruzou com a realidade do tempo de todo o processo editorial, que implica a sua revisão, design e preparação.

Apesar da estreia ainda estar em preparação, a autora já pensa em chegar a mais leitores. Gostava de ver a sua obra traduzida para inglês e espanhol e não teme a perda de literalidade que uma tradução pode acarretar.
XXXXXXXXXXXX

“Mesmo que não esteja fiel ao texto original ‘palavra por palavra’, a essência da obra está lá. A narrativa está lá. Não seria algo incómodo para mim.”

Também deixa no ar um desafio aos leitores atentos: o seu livro esconde detalhes secretos que só mais tarde no enredo se revelam. Essa camada de mistério acrescenta profundidade ao texto e promete o desejo de releitura.

“Quero que os leitores voltem atrás e percebam: ‘espera lá... isto já estava aqui.’”

No final da conversa, Ana Marta Cabrita partilhou um conselho para quem, como ela, sonhou e ainda sonha em ver um dia as suas palavras publicadas.

“Confia na tua escrita. Temos sempre a tendência autodestrutiva de olhar para o texto e achar que está mau. Não está tão mau como pensas. Tens de ter paciência e acreditar em ti.”

Mais do que uma técnica, é uma filosofia a de persistir e de confiar no próprio talento. Foi assim que Ana Marta Cabrita conseguiu concretizar a sua primeira publicação. A escrita exige confiança e coragem para ultrapassar o medo da exposição e o julgamento interno.

“PARA TODOS OS QUE SONHAM O IMPOSSÍVEL E O AGARRAM COM UNHAS E DENTES.”

Natural do centro-norte de Portugal, Diana Colaço é uma estudante da Faculdade de Letras, cuja imaginação e gosto pelas palavras domina a sua vida. Desde muitíssimo cedo que soubera que a escrita era o seu grande amor e que queria segui-la para sempre.

Até à data, Diana Colaço tem um livro publicado — O Latir de um cão e outros contos — disponível como ebook, sob a Nova Geração editora.

Segundo a autora, “as palavras são como magia”, não só pelos sentimentos e emoções que trazem consigo, mas por serem confidentes e amigas de qualquer um. As palavras são a materialização de quem se é.

“Para mim, as palavras sempre foram muito importantes porque eram uma grande forma de expressão. (...) Eu sempre disse que o papel é como se fosse um amigo, [como se] fosse um terapeuta. Podes não ter ninguém que te oiça, mas tens o papel. E eu sempre considerei as palavras como magia porque podes fazer tanta coisa! Podes ajudar as pessoas, podes ajudar-te a ti mesmo. Podes criar mundos! Acaba por se tornar uma realidade. Materializa-se e podes partilhar com outros.”

A autora destaca também o quanto as palavras e a escrita valem para si.

“Para mim, vale muito mesmo (...) poder expressar-me, mas (...) quando tens uma imaginação muito grande e tens muitas coisas a acontecer na tua cabeça, às vezes sabe muito bem organizar [tudo] num mundo e criares alguma coisa e sentires que estás a deitar tudo [cá] para fora.”

Essa magia criada pelas palavras parte de dentro do autor — do seu coração e do seu cérebro. Parte de quem é, essencialmente. E, pela infinitude destes, cada autor nasce e floresce de formas diferentes. Isto vê-se de duas formas: a forma como cada autor se organiza para escrever o seu texto e a forma como cada autor se inspira e ganha ideias.



Diana Colaço



“Há ideias que surgem de formas esquisitas.”

Durante a entrevista, a Diana contou-nos a história de como teve a ideia para um dos seus contos, “A Rosa dos Desejos”.

“Eu sou daquelas escritoras que não é cem por cento organizada. (...) Eu gosto de experimentar coisas novas e gostava de experimentar (...) fazer uma organização toda de o que vais escrever, capítulo por capítulo, e organizar os personagens primeiro, e a construção do mundo... (...) E, normalmente, nunca é igual. Por exemplo, um dos contos [do livro] surgiu-me por causa de um sonho! Eu literalmente tive um sonho que achei ser uma ideia muito boa para o livro (...) e acordei a meio da noite (...) e peguei em post-it's e comecei a escrever em post-it's em cima da cama!”

“Se entrassem no meu quarto, iam achar que eu estava possuída!”

Por vezes, a parte mais difícil da escrita é a interligação de ideias. Como é que se faz quando temos demasiadas ideias para uma só história? Como é que ligamos os pontos de modo a ficarmos satisfeitos e orgulhosos do que escrevemos? É difícil responder porque embora possamos contar a mesma história, a maneira como a contamos é sempre diferente...

“Às vezes [ligar os pontos das histórias] é das partes mais difíceis. Às vezes, sabes o que vai acontecendo, mas ligar [os pontos] é um bocadinho mais difícil.”

Porém, felizmente, o autor percebe que, a certo ponto, a história cria-se a si mesma. Os personagens ganham uma vida própria e vivem numa realidade tão próxima da nossa que parecem seres humanos reais. São retratos e espelhos de quem se ama, de quem se odeia e de quem se é. É uma forma de refletir.

“É uma sensação muito interessante estares a criar personagens porque — vai parecer um bocado estranho — mas é como se tivesses filhos. Não sei explicar. É como se aqueles personagens fossem teus filhos ou como se tivesses uma relação de criação com eles.”

“Eu sinto que as personagens tomam decisões sozinhas (...) e eu sou uma mera espectadora, a ver o que está a acontecer e a relatá[-lo].”

Antes do lançamento do livro, cada conto foi ilustrado por uma das amigas da Diana.

“É uma sensação mesmo indescritível ver as tuas personagens e as tuas criações pelos olhos de outra pessoa. (...) O cão do primeiro conto não era nada como eu imaginava. Eu imaginava uma raça totalmente diferente.”

Uma das coisas mais importantes da escrita é poder fazer com que os leitores consigam adotar diferentes perspetivas das suas, sendo que, durante a leitura, se colocam nas realidades de cada personagem. As decisões tomadas por estes são justificadas por quem são e pela forma como os leitores os veem. Quem lê é apenas uma mosca que voa à volta do mundo narrado.

Não lhe pertence, mas está suficientemente presente para saber e sentir tudo. E é algo que encontra na arte, em geral. A autora observa este ‘fazer sentir’ no cinema e na música, especialmente.

“Nem toda a gente tem a mesma empatia e sensibilidade e um dos poderes da escrita é conseguir fazer quem lê sentir coisas, e, portanto, tocar na empatia e na sensibilidade de cada um e na capacidade de perceber os outros. Costuma haver pelo menos sempre uma lição ou qualquer coisa a retirar. (...) E às vezes é sem [o] querer. É uma coisa que tenho tanto em mim que, mesmo sem ter esse objetivo, acaba por acontecer.”

Segundo a Diana, a experiência entre ser leitora e escritora é completamente diferente. Isto porque, primeiramente, há uma relação mais pessoal com o texto, mas, secundamente, porque o crescimento do próprio autor afeta a relação que tem com a sua própria escrita. Perguntámos se alguma vez teve uma interpretação diferente de um dos seus próprios contos.

“Nunca tinha pensado muito nisso. (...) Quando estás a publicar um livro, chegas a um ponto em que te fargas [do livro]. (...) Este meu livro em específico, eu escrevi-o durante um espaço de tempo muito largo. Um deles [contos] acho que escrevi quando tinha 12 anos, outros escrevi quando tinha já 17 ou 16 [anos]. Ou seja, dá para ver diferenças de escrita em cada conto.”

“O narrador já não és tu. Já não és a mesma pessoa que eras. Continuas a identificar-te com aquilo, mas consegues olhar para trás e ver o teu crescimento.”

E ao crescer como pessoa, muitos autores desenvolvem a sua escrita e mudam para outros géneros literários que mais fielmente refletem quem são.

“Influenciar o meu género literário acho que não porque eu gosto de experimentar coisas novas. (...) Estava a experimentar o terror (...) porque em Portugal há muito terror que não é consumido e que não se conhece.”

Na escrita de uma obra, independentemente do seu género literário, o autor tem sempre algo que lhe é mais querido, seja um capítulo seja um sentimento que associa com a obra ou com parte dela. Neste caso, a autora diz ter um conto favorito, não pela história, mas por escrevê-lo.

“É uma coisa engraçada porque, normalmente, quando as pessoas lêem, costumam ter um favorito. E às vezes dizem-me. O que eu gostei mais de escrever foi (...) o ‘Espelho de Águas do Luar’. Gostei muito de [o] escrever porque é uma coisa muito descritiva e quase mágica! Ao escrever, eu perdi-me um bocadinho ali no meio. Senti mesmo que estava noutra mundo.”

“Do ponto de vista de escritora e autora, talvez seja um bocadinho difícil dizer qual é o meu favorito do ponto de vista de leitura. (...) O meu favorito não vai tanto pela experiência que eu tenho ao ler (...), mas pela experiência que eu tive quando escrevi.”

A Diana encontrou a sua editora — a Nova Geração — quase como se o destino o ditasse. Esta é uma editora fundada recentemente (em 2022) e como o nome indica, dá palco a autores de nova geração.

“Vi aquela e correu bem! Pronto!”

“Vi que estavam a pedir manuscritos, só que reparei que não falavam em contos nem em poesia — que era o tipo de coisa que eu mais escrevia na altura. (...) E então, mandei-lhes um e-mail (...) e disseram que no momento não, mas que podia enviar na mesma. Eu, então, enviei e eles acabaram por gostar tanto [dos contos] que acabaram por fazer uma espécie de exceção e publicaram como e-book.”

O processo de publicação de um livro é extenso e exaustivo. Pedimos à autora uma explicação de como funciona e, pela sua experiência, se existem semelhanças com o processo do nosso jornal.

“Não é exatamente a mesma coisa, mas tem semelhanças. A estrutura é a mesma.”

“[Na Nova Geração] dão muito valor à tua opinião e ao que tu queres que seja feito. Claro que obviamente há [sempre] decisões que têm de ser tomadas pelas editoras...”

A maior diferença reside em existir uma pessoa específica que acompanha o autor ao longo de todo o processo.

“Quando tu ainda não estás a publicar um livro, normalmente as pessoas que lêem são pessoas que tu conheces — ou amigos teus ou a tua família. O teu editor acaba, às vezes, por ser a primeira pessoa que tem contacto com o teu livro. (...) É uma pessoa estranha e (...) é sempre fantástico ouvires a opinião de uma pessoa que não te conhecia. Ou seja, a opinião imparcial dela só mesmo pelo que tu escreveste.”

“Às vezes, os objetivos não são exatamente os mesmos. O trabalho de revisão e de edição têm as mesmas bases.”

Ao contrário do Jornal O Cola, a editora Nova Geração não publica noutras línguas. Contudo, no nosso jornal, temos uma edição em inglês. O autor pode sempre estabelecer que não quer o seu texto traduzido. Perguntámos à autora a sua opinião sobre as suas obras serem oficialmente traduzidas e publicadas.

“Para qualquer autor, é sempre um sonho (...) que a sua história chegue ao maior número de pessoas possível.”

“Nalguns casos pode tirar um bocadinho a magia. (...) Cada palavra é única e mesmo que haja uma tradução numa outra língua (...) o impacto que a palavra tem não é exatamente o mesmo.”

“Nalguns casos pode tirar um bocadinho a magia. (...) Cada palavra é única e mesmo que haja uma tradução numa outra língua (...) o impacto que a palavra tem não é exatamente o mesmo.”

“A primeira experiência que eu tive de ver alguma coisa minha traduzida foi n’O Cola! Foi uma experiência muito interessante porque (...) é parecido a quando vês o teu conto a ser ilustrado porque não és tu que estás a traduzir. É outra pessoa.”

“Essas duas histórias não iam ser uma tradução uma da outra. Eu ia escrevê-las de formas diferentes.”

A experiência de publicar um livro é algo extraordinário na vida de alguém. É um momento de realização e de conquista incomparável. É também uma experiência enriquecedora e de aprendizagem. A cada publicação, há algo que é aprendido pelo autor, do ponto de vista de quem é por dentro.

“Há um equilíbrio. Há um equilíbrio, que é muito muito importante e essencial, que é tu como autor ou escritor saberes não te desviar da tua essência (...), mas saberes ter a mente aberta e ouvir as opiniões de outras pessoas e não levar como uma crítica destrutiva.”

“[O importante é] que aquilo tenha importância [para o leitor]. (...) Algo que poderá ajudar alguém no momento ou que poderá trazer algo de novo.”

No final da entrevista, a Diana deixou algumas palavras de encorajamento a todos os que lêem. Deixa o conselho de que cada autor deve sempre acreditar no seu potencial e crescimento, mesmo que pareçam pequenos. Deixa também o conselho de que é muito importante não desistir de algo de que se gosta.

“Um não nunca é um não. É um ainda não.”

“Todas as noites, descia por entre as árvores cujas folhas dançavam num interminável baile noturno. Algumas caíam do palco de madeira e desciam suavemente, leves e indiferentes como penas abandonadas ao vento da noite.” [Excerto da obra “O Espelho de Águas do Luar in O Latir de um cão e outros contos”].

O Jornal O Cola, tal como as autoras que aqui e até agora se apresentaram, encorajam todos aqueles que nos lêem a pegar numa caneta ou num teclado de um computador. Sem pensar no resultado ou em praticidades, sem atentar às dúvidas ou inseguranças. O que é hoje a escrita de uma simples palavra pode vir a ser o início de uma obra literária que, por sua vez, constituirá um livro a ser lido e relido, folheado e apontado, comentado e talvez até premiado por tantos. A criação e difusão da arte literária encontra-se à mera distância que se pode estabelecer entre a imaginação humana e uma caneta. Essa distância é, nos dias de hoje, demasiadamente curta para não nos atrevermos a percorrê-la.

O nosso jornal deseja aos leitores e aos aspirantes escritores um ano letivo repleto de ótimas leituras e redações!



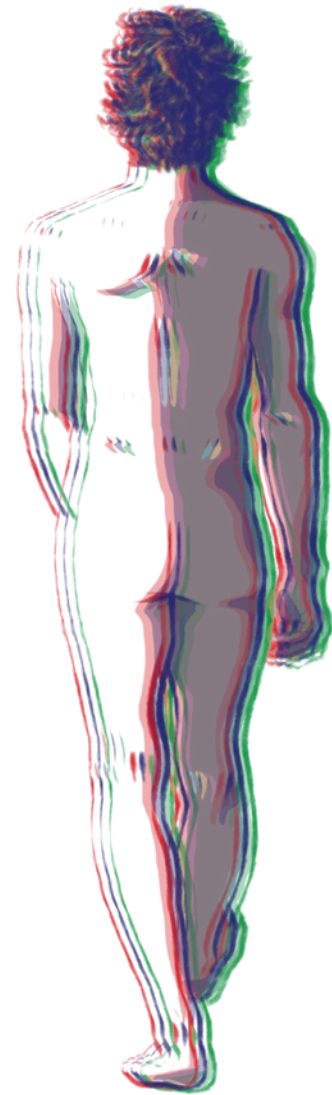
Lisbon among the 200 best universities in the world in the NTU ranking

The University of Lisbon rose to 165th place in the NTU ranking, placing it at least 26 positions ahead of any other Portuguese institution. It also stands out among the world's top 100 in areas such as Civil Engineering, Animal and Plant Science, and Agricultural Sciences, leading 17 disciplines at the national level.

Espasmos

Autoria: Mar
Edição: Ricardo Cedeira
Ilustração: Yuna Le Quéré

Chamei amor muitas vezes apenas por banalidade.
Agora que a ti te chamo amor entendo.
Em ti vejo a emoção com corpo e alma.
Chamei a tanto amor que sinto.
Respondeste à minha chamada, e de banal? Nada tem.



ULisboa lança *podcast* “IDEA Sem Filtro”

A Universidade de Lisboa estreou o *podcast* “IDEA Sem Filtro”, dedicado a promover igualdade, diversidade, equidade e acessibilidade na comunidade académica. Com episódios semanais conduzidos por João Silva e convidados de várias áreas, o projeto pretende sensibilizar para os desafios enfrentados por estudantes com Necessidades Educativas Específicas.

Agenda ACADÉMICA

Queres envolver-te no espírito académico?

Nesta *Agenda Académica*, apresentamos-te alguns eventos que terão lugar na Universidade de Lisboa em que podes participar de forma gratuita.



VIII Colóquio Internacional

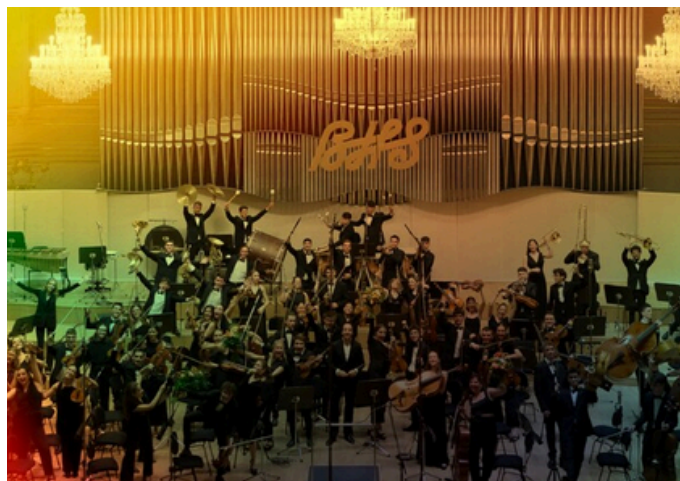
A Literatura Clássica ou Os Clássicos na Literatura: Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa.

O propósito de discutir e confrontar ideias acerca da reconfiguração temática, dos valores, do imaginário e das obras clássicas, bem como das personagens, cultura literária e poética, história e ficção gregas e latinas, atendendo a diversas cronologias e diferentes lugares onde se escreve português.

03 a 05 dezembro 2025

Concerto Solidário Alumni

No dia 6 de outubro, às 21h00, a Aula Magna recebe a Jove Orquestra Simfônica de Barcelona para o Concerto Solidário Alumni, cujo valor reverte para as Bolsas Solidárias Alumni ULisboa. O programa inclui *Camperola* de Toldrà, o Concerto para violino e orquestra em *Mi menor* op. 64 de Mendelssohn e a Sinfonia nº 6, em Si Menor, op. 74, *Patética* de Tchaikovsky.



Acolher o Outro

O Heureka – Clube de Leitura retoma os trabalhos com um novo ciclo, de Setembro de 2025 a Junho de 2026, dedicado ao tema **Acolher o Outro**. O ciclo propõe reflectir sobre o acolhimento, a alteridade e a convivência como práticas éticas atravessadas por relações de poder, desigualdades históricas e tensões de pertença e exclusão.

As sessões realizar-se-ão mensalmente na Biblioteca Palácio Galveias, em Lisboa. Dia 23 conta a primeira sessão.

Aqui podes encontrar eventos como **concertos, congressos e colóquios** de interesse académico, bem como **eventos** de natureza intelectual e com impacto social.

Podes encontrar mais informações sobre os mesmos na secção «Agenda» dos sites da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Letras.



Bem-vindo à ULisboa

Durante a tarde os participantes poderão desfrutar de **atividades desportivas**, receber o **kit de boas-vindas**, assistir à **Cerimónia** de Tomada de Posse do Reitor e Abertura do Ano Académico, na Aula Magna, e, para terminar, preparámos uma **Sunset Party** onde contas com nomes como ProfJam e Zanova para te animar na Alameda da Universidade.

Encontro de Mitologias

Este encontro reunirá especialistas que têm vindo a reflectir sobre a importância das várias mitologias para a compreensão do mundo e para a formação integral do Homem contemporâneo e será certificado como acção de formação. Inscreve-te gratuitamente e passa um bom tempo nos dias 10 e 11 de outubro, quer presencial quer online!



Festa de Acolhimento aos Caloiros

Dia 2 de outubro, das 18h às 2h, os núcleos da Faculdade apresentam-se aos caloiros! Haverá bancas temáticas com comida e bebidas e muita animação! Não percas esta oportunidade para conhecer a tua Faculdade e as suas atividades do ano letivo.

Reveries

Autoria: Khrystyna Tsupryk
Edição: Ricardo Cerdeira

Cowing. We don't have crows or ravens where I now live in Portugal. This sound will now greet me every morning at precisely 8a.m., for I came to stay with my grandparents. I am back in Ukraine.

I roll over on the pull-out sofa in this typical Ukrainian living room. A great sprawling floor-to-ceiling cabinet unit, with a large display section in the centre greeting me, with all the crystal glasses and beautiful, expensive china that no one ever uses. The room faces a road adjacent to the main street, and probably south-east — at least I'm guessing so in hindsight — because what do I know about geography? I'm only six years old that summer day.

I don't waste my time though, sprinting to look outside my window. I eagerly anticipate the view.

The vast terrain is flat as far as the eye can see. Nothing ever changes here. The three to five storey apartment blocks, built for aviation military families, line up perfectly into a grey monotone grid. "Housing blocks probably older than my grandparents" I think to myself. I look right. The ever-on-time 8a.m. marshrutka (type of bus) pulls away, the commuters spill out like a torn sack of potatoes, many already carrying heavy market bags. The flocks of crows take to the skies from trees so tall, taller than the tallest building in our grey heaven. Beech trees, trunks painted white up about my height, perfectly framing our blocks. "Why do you cower so, as if the local public transport doesn't come and go every 20 minutes?" Dramatic birds, those ravens.

The football field-sized patch of green in front of my window now has grass so tall, it could probably reach my knees. Not one blade swaying in the wind. Gearing up for a hot day. "Did the neighbour not mow the grass this year, or did I arrive after it had already grown back?" It cannot be so. As grandma always likes to remind us "it is now on a voluntary basis, so no one wants to do it. Oh, back in the day, there wasn't a day that soldiers wouldn't be sweeping or otherwise cleaning the streets. No one was idle."

Yes, back when grandpa was an officer and fighter jets would take off on a daily basis. Back when my mum was little and the Soviet Union was thriving (or so it seemed).

But I digress, at six I was yet to discover why grandpa was so disciplined and why grandma pined for the days when she was an officer's wife.

It's only the beginning of August. The downstairs gentleman is bound to mow it at some point; after all, I can wait. I'll be here for a month. Just like my grandparents, he has probably been busy with his own fields and garden. The geometry before me is broken by the ever-present lane that cuts across the 'field', a manmade shortcut to the town centre and local shops.

I spot them in a matter of seconds, two figures in the morning sun-lit lane, walking toward my building. My sleepy eyes adjust and I make out a long ponytail on one, and the familiar walk of someone wearing a brand-new, yet to be broken-in pair of rubber shoes on the other. I can't handle my excitement. I want to burst into complete and utter happiness — the anticipation of a perfect summer ahead. I jump up and down waving at them. They can't see me. I climb onto the windowsill to try and open the window, barely reaching the handle. Everything is taller and higher here. The people, the trees, the ceilings, the windows...

I finally manage, miraculously avoiding the hundred and one flower pots that grandma keeps on the windowsills. The morning smell of dew, grass and flowers fills the air. I keep mutely waving, oblivious to the fact that the light is reflecting on the protective mosquito net, essentially masking me and making my attempts futile.

"HEYYYYY! PRYVIT!!!" (Pryvit is "hello" in Ukrainian) I finally yell.

My two best friends have finally reached the end of the lane and have only to cross the road to be under my window. No cars, just people coming from the marshrutka stop, looking up to see who's yelling at this hour.

— Hello, yourself, European Girl! You are finally here! — the boy teases me with a toothy grin.

— Hi — the girl is shy. After all, I had not seen these people in over a year!

— I just woke up! How did you know I was

coming today?

— I saw your grandma when my mum sent me to buy some milk. She told me it was today. So I made sure to wake up early, went and got this one — the boy gestures at the girl who is rubbing her eyes, not fully awake yet — and we came straight to you! Come on, let's go play!

— I just woke up, I'm telling you. I need to get ready. And besides, it'll be a while. You know grandma won't let me out without breakfast...

— Then hurry up! We'll wait here on the bench.

— Are you not hungry?

— No, I barely escaped my mum before she made me have breakfast, I'm not going back!

— Well, let me ask grandma if you guys can come in.

— No! Just get ready, I'll knock on my grandma's window and ask her for some food, don't worry.— Oh yes, his grandma lives on the ground floor of our building. Communication and food delivery are easy.

— Okay. Well, you two are the first to come so pick any flavour before I come down.— I need to be quick, I can hear grandma stop whatever she was doing in the kitchen. I have seconds to get down from the windowsill and rearrange the flower pots back in place, or I'll be in trouble! And that's no way to start my summer!

— You mean the bubble gum Chupa-Chups you bought last time? — the girl finally wakes up, eyes sparkling at the idea.

— Yeah, and I also brought Milka with strawberry filling, Kinder Bueno but this one's white and loads of Haribo gummies! — I was a very proud ambassador of novelty scarcity products from Europe, back in the day.

— I want the Coca-Cola-flavoured Chupa-Chups!

— Me too!

None of this was new information for me, I just needed confirmation. That was the flavour to trump all flavours.

— Okay, I'll be down in a couple of minutes!

— Hurry, we have a new fort to show you!

Grandma came in. Her hair gathered, clearly busy cooking, not expecting me to wake up this early during the summer holidays.

— Hi, sweetie. Are you hungry? Classic grandma, always shoving food and telling me how skinny I look. In all fairness, scrawny is my middle name.

— I heard you talking. Your friends are here already? Well, invite them in, I made enough pancakes for everyone.

I bet she did just that and more.

— No grandma, they're waiting for me outside

on the bench, I need to get ready.

I brush past my grandma, who gives me a smile reminding me not to lock myself in the bathroom, because I won't be able to pull hard enough on the latch to unlock it afterwards. I nod and busy myself brushing my teeth — a hard task when you've started missing some. Ukrainian children — well Ukrainian girls — do not go around with "unruly" hair. That's any hairstyle that is not up. So when I'm done brushing it, grandma comes in to help put it high enough.

— I've laid the clothes out for you.

Something comfortable, sporty and definitely not new. Not where I was going, not for what I was going to do. Grandma knew I would get dirty as soon as I stepped out.

— But grandma, I need new rubber slippers too.

— What's wrong with your crocodiles? — She meant Crocs.

I had gotten these new weird-looking shoes, they are very ugly, so ugly that they're kind of funny. I will be teased for them like there is no tomorrow if I show up in these.

— I can't go to the market with you now, but we can go get you the slippers after lunch, okay?

— Okay. — The idea of postponing my outing because of some shoes is preposterous. My yellow 'crocodiles' will have to do until lunch.

After relentlessly trying to coax more pancakes into me with no avail, my grandma finally gave up and rationed the "European" treats.

— You kids can't eat it all in one day, which you would if left alone so I have to divide this.

With all the usual warnings of stranger danger, not running on roads, being careful, not doing anything stupid and staying in her sights (meaning she has to be able to see and call me from her window), I firmly agree to everything just to be let go as soon as I'm putting my yellow shoes on. I know I'll break every promise as soon as I step foot out of the door, there's a new fort out there somewhere!

I fly down the stairwell and there they are, sitting on a bench.

— Gosh, you took forever.

Then, they simultaneously looked at my feet and burst out laughing.

The shoes: an absolute failure. The lollipops: a huge success, as we compare which teeth each of us is missing.

Grandma waves me goodbye through the window and wishes me a good day, reminding

me also to be on time for lunch.

— Thank God I don't have a watch — I think to myself, fully planning on being late (not too late, I can't get myself grounded this early into my holiday).

We start on the lane. I step in cold mud, my right shoe fully fills up as I continue walking, now making quacking noises. It has everyone in stitches including me.

— Now not only are your feet the same shape and colour as a duck's, you're quacking too! Ahahahhah!

— Ahahha! Very funny! — I try to sound cross, but I barely feel the shame through how abysmally I'm starting my summer. I can't help but laugh too.

— Oh come on you, let's go to the garages. If you remember, there's that deep puddle, you can easily wash off.

The boy is trying to cheer me up through the laughter. I wonder for a minute if the puddle will be there...not a cloud in the sky. Here, when it rains it rains hard and fast, then the rain disappears as though it was never here.

We go there anyway. There really is a huge puddle near the old garages and chicken coops. In its deepest parts it can reach my knees. I'm not allowed there. My mortified mother told me last time I was here that it was an "infestation" and "full of tadpoles", when a group of us had the brilliant idea of putting on our bikinis and fully getting into a splash fight (looking back, my mum was absolutely right, but how do you convince an elementary schooler of that?).

I'm carefully washing my shoe, looking at the lazy tadpoles, thinking about how nice getting in will feel once lunchtime comes to cool off, as my friends continue to fill me in on what happened when I "wasn't here".

School is hard work and so boring. Everyone wants to go back to kindergarten. They lament having to give up nap time now that they're going into second grade. Nap time in which no one ever truly slept, full of energy after lunch and just fooled around when the teacher wasn't looking, after all the poor lady couldn't be made to stay in the bunk bed room for a full hour. In Portugal, I didn't even have nap time as a kindergarten senior, let alone first grade. And what? They go home after 1pm? How come we have to stay cooped up in that classroom of 25 souls until 4p.m.? They don't have the same subjects as me, a totally different grading system. Every time I get back, it's like I'm meeting these people anew.

— Sasha moved away, and so did Ana. Oh and do you remember Anastasia? Yeah, she changed teachers and now is in my class. But she has new friends now. I don't know, she

doesn't want to play with us anymore now.

I listen, because my life depends on it. I need to absorb and familiarise with all this, because this is their everyday, and I "wasn't here". I need to keep up during conversations.

— Oh, did your grandma tell you about the fire?

— What fire?

— There. — The boy points behind me. There's a pathway between two house blocks where people usually put dry branches cut off from their backyard trees. Well, they used to. Now it's a pile of ash and chunks of black contorted coal.

— That's where you lost your winking Hello Kitty! — I tell the girl. I'm talking about a small Kinder Surprise figurine we used to collect and play with the summer before this one. Even my boy friend used to do it, he was obsessed. The year before we were all at his house playing with our figurines when we had the brilliant idea of "making a carousel" by spinning them around in his microwave. We eventually had enough sense to stop when one of Kitty's ears started smoking.

— Yes, and can you believe we didn't find it in time? I'm so mad at myself for dropping it when we were climbing on the branches. And now, she died in a fire." My friend always had a flair for the dramatic. I know perfectly well that another friend of ours felt so bad for her, that she gave her her own winking Hello Kitty, so no need to mourn. And in any case, the dry brush was so thick and spider-ridden that no one dared crawl inside and look for the figurine.

— How much do you have today? — the boy asks us. He means money.

— Not much. Grandma gave me enough for a cup of kvas." Kvas is the best thing one can drink in Ukraine. I love it.

— I have enough too — says the girl.

— Lets go to the mayor's tent. They have syrup now for an extra 50 kopyok (equivalent to Eurocent). And, they've also bought a trampoline. It's 1 hryvnia for 10 minutes." The mayor (some rich guy who drove around like he owned the town) was the sponsor of many nice things our small town had to offer. Looking back, I didn't get the feeling he was the mayor anyway.

— Let's go! I got up excitedly and turned to go to the tent, smiling my missing front left tooth away.

A rainha de(s)fasada

Autoria: Beatriz Palma
Edição: Catarina Casal

Em tempos antigos, o céu tinha uma rainha absoluta. Era o sopro suave de prata noturno; a menina na noite de mil cabelos em mil lugares; os olhos de luz que hipnotizavam o mortal; o silêncio de sereia que atrai quem não quer. Velava o sono de todas as terras com apenas um manto de breu sobre a pele nua: um manto infinito de uma cor indecifrável. Cobria todos os mundos com ele, para ser apenas ela, rainha de si e da noite.

A Lua: tão redonda, tão bonita, tão sozinha... Não lhe interessava o que poderia haver sob o manto para além dela própria, desde que, quando as luzes se apagassem, fosse ela a brilhar. Todos os seres a idolatravam. Davam-lhe diferentes nomes para tentar descobrir quem realmente era. O seu favorito era Bimbaio, uma sereia que mergulhava nas profundezas da noite, arrastando todos consigo, vítimas de uma rede de melodias, pescados por doces ilusões num mar negro.

Mas, numa noite, algo curioso espreitou por detrás do véu escuro. Espreitou e descobriu uma vida. Bradou, bradou a todas as irmãs que viessem ver tal empreendimento. Vieram de todas as partes do mundo. E quem diria que do outro lado estaria o seu propósito?!

As estrelas brotaram como flores que correm numa planície. Brotaram num aceno de felicidade e compromisso pela sua nova oportunidade. Pareciam pequenos potes de desejos, pequenas réstias de esperança ou até pinceladas apressadas de um pintor atrapalhado. Com esta nova atração no céu, todos deixaram de dar importância à tão amada Lua. Vendo que tal coisa estava a acontecer, a sereia do mar negro eriçava os

fios platinados e tentava tecer um manto ainda maior. Mas as estrelas eram mais do que infinitas e era impossível livrar-se delas. Então, a rainha apertou o seu manto em torno dela e chorou pérolas. Derramou-se num pranto sofrido, uivou até estremecer o céu, marejada e afogada na sua própria rede porque perdeu. Não, foi-lhe tirado! E, num vislumbre, viram surgir a Lua — ou o que restava dela. Embrulhada no escuro, parecia engolida pela sua própria casa. Restava apenas um quarto quebrado dela, uma sombra de o que um dia representara lá no alto. As estrelas continuavam a percorrer o céu em corridas celestiais, camuflando aquela fase da Lua.

A partir dessa noite, viu-se escrava de um ciclo — outrora rainha, agora nada. Num impulso cego, deixara-se levar pela sua vaidade, fechou os olhos ao que já não via e agora escondia-se por vergonha. Mas as estrelas tiveram compaixão e propuseram-lhe um acordo: deram-lhe quatro nomes, quatro fases — Lua Nova, Quarto Crescente, Lua Cheia e Quarto Minguante. Coberta pela noite e pelo seu manto de escuridão, desaparecia num momento de recomeço e introspeção. Depois, destapava a cabeça, feliz por ser quase só ela de novo, mas respeitosa perante as suas novas amigas. Finalmente, chegava o momento em que governava os céus de novo, numa dança suave, suspensa, parecendo estar presa apenas pelos seus cabelos. E fechava o acordo num Quarto Minguante, recolhida novamente.

Era o preço a pagar por uma coroa que nunca teve e um manto de ilusões que foram sempre dela.

O Jardim do Amor

Autoria: Ricky
Edição: Catarina Casal
Ilustração: Yuna Le Quéré

O amor é como um campo florido — o cuidado é necessário para manter cada flor no seu lugar. Amar é quando entendemos que cuidar do jardim em conjunto é o melhor. Por isso é que não me canso de amar — é a maior dádiva já criada. Enquanto existir amor, o jardim nunca deixará de florescer, porque o amor é a única força que vence o tempo: o amor vence as tempestades e, mesmo na ausência de luz, encontra forma de germinar.



Musa

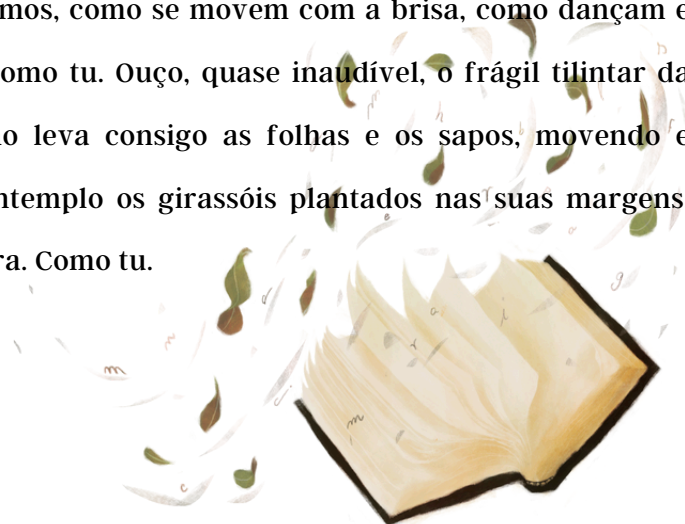
Autoria: Maria Afonso
Edição: Ricardo Cerdeira
Ilustração: Yuna Le Quéré

Sento-me lá fora e penso em ti. Na mesa de madeira do alpendre, pouso o meu caderno e procuro inspiração. Faltam-me as palavras e a perícia para as tornar belas. Abro o meu caderno eternamente branco, vazio, privado de inspiração. Privado de ti. Um silêncio sufocante governa a minha mente. Sinto-me presa, a caminhar incessantemente num labirinto sem saída. Ó Musa, como criar sem ti! O mundo, outrora repleto de paixão, de luz — repleto de ti — era fonte das mais belas composições. Na simplicidade do dia a dia, eras refúgio fantástico. Sentada cá fora, só e abatida pela decadência de uma vida sem poesia, chamo por ti. Sou assombrada pelo branco da página, o seu lembrete ensurdecador da tua partida. A tua ausência transforma, consome tudo o que era colorido e inunda até a pequena paisagem do meu jardim de aborrecimento e realidade. Nem os pássaros cantam, nem as flores sonham. Para quê? Ó Musa, como criar sem ti!

Mesmo sem certezas, procuro por ti. Eternamente desconcertada. anseio por um sinal. Um vislumbre do teu brilho, o conforto da tua voz. Chamo o teu nome, esperançosa de ser vítima de uma mera ilusão e que surjas ao meu lado. Fecho os olhos e suplico pela tua presença. Quem sou eu sem a minha musa?

Derrotada, recorro ao meu pequeno jardim. Sinto a calma melodia do vento e deixo que me leve os cabelos e os anseios. Perco-me na paisagem como que nos teus olhos, verdes e belos. Reparo na nitidez do contorno das árvores, fortes e imponentes. Como se destacam e governam a paisagem. Reparo nos seus ramos, como se movem com a brisa, como dançam e acolhem tão levemente o desconhecido. Como tu. Ouço, quase inaudível, o frágil tilintar da água que corre no pequeno riacho. Como leva consigo as folhas e os sapos, movendo e inspirando tudo o que toca. Como tu. Contemplo os girassóis plantados nas suas margens, elegantes e felizes — são como a luz na terra. Como tu.

Ó querida Musa, nunca me deixaste.



Perfumaria

Autoria: Clara Freitas

Edição: Catarina Casal

Ilustração: Yuna Le Quéré

Gostava de quando o cheiro dele permanecia em mim como uma forma distorcida de intimidade. Às vezes, quando ele não estava comigo, borrifava o seu perfume em mim, na minha roupa ou nas almofadas, para sentir como se tivesse estado a rebolar na sua cama, enroscada nos seus braços como um ser frágil e pequeno, ou a beijar-lhe a pele sob a roupa.

— Estás confortável assim? — perguntou.

Os seus braços apertavam-me, quase como se tivesse medo de que eu fugisse. Caracóis roçavam-me a testa suavemente.

— Sim — murmurei, acomodando-me no recanto do seu pescoço. Inspirei fundo.

Mas nunca era igual. Nunca conseguia enganar-me o suficiente.

O seu cheiro era diferente, mais animalesco, mais denso em natureza. Quando assentava na minha pele, tornava-se leve. Superficial.

Algo tão simples como o aroma tinha agora alcançado um ideal que eu jamais conseguiria recriar sozinha. E assim surgiu uma nova interpretação do amor — a incapacidade de reproduzir ou imitar aquilo que me agrada. Só assim percebi como o amor pode ser mundano.

Um ano antes, tinha feito um curso de perfumaria durante o verão. Criei fragrâncias para todas as ocasiões, cada uma melhor do que a anterior. Mas, desde que o conhecera, todas me pareciam mediócras.

Enquanto ele descansava ao meu lado, perguntei-me se absorvia o meu cheiro como eu absorvia o dele.

— O meu cheiro é especial para ti? — perguntei, à procura de qualquer indício de mentira.

— Especial? Gosto de como cheiras, se é isso que queres dizer.

— O meu cheiro é como o dela?

Ele suspirou e afastou-se de mim.

— Não acredito que estás a falar sobre isto outra vez.

— Desculpa.

— Não quero que peças desculpa. Quero que pares de falar dela. Mas sim, o teu cheiro é diferente.

— Diferente... especial?

— Sim — disse ao enterrar o nariz no meu pescoço e inspirar demoradamente.

Quis acreditar que o fazia para sentir o meu perfume e não a minha pele. Convenci-me disso com tal intensidade que, de imediato,

comecei a preparar-lhe um presente. Nunca fui boa a oferecer presentes, mas este seria o ápice do meu amor.

Quando ele foi embora, retirei o meu kit de perfumaria que estava debaixo da cama e coloquei todos os instrumentos no balcão da cozinha. Os frascos estavam organizados pela ordem em que seriam usados, depois de recolher a minha amostra.

Borrifei-me com perfume e deixei-o entranhar-se na pele.

Quando a pele estava macia e perfeitamente perfumada, peguei num bisturi e fui até à casa de banho.

Com o braço pousado sobre o lavatório, inspirei fundo. Passei o bisturi pelo pulso, onde o perfume se tinha fixado, e cortei um quadrado perfeito de pele.

A minha amostra.

Deixei que o sangue marcasse o soalho de madeira enquanto voltava à cozinha.

Um frasco de etanol engoliu a minha pele. O quadrado de epiderme separou-se em fragmentos, depois assemelhou-se a pepitas de confeitaria e, por fim, dissolveu-se por completo.

O meu cheiro, o meu perfume, o meu presente seria perfeito.

Talvez ele me sentisse quando o borrifasse na pele.



Há beleza na tristeza

Autoria: Diana Colaço
Edição: Ricardo Cerdeira

Há beleza na tristeza

Porque é abraço que aquece e arrepia,

É gato que mia,

É cão que não ladra e morde

Porque é fatal em cada acorde

E é vital para a melodia

Porque enriquece a alegria

Em cada dia que trabalha e não é paga

E ainda assim não se despede

Porque é rio de corrente forte

É trovoadas e vento do Norte

Porque aflige e acalma

É canto da alma

É silêncio da noite calma

Porque é chuva antes do arco-íris

E tempestade antes da bonança



Encontro de Estudantes das Residências Universitárias da ULisboa - 2.ª Edição

No dia 30 de setembro, a Cantina Velha recebe a 2ª edição do Encontro de Estudantes das Residências Universitárias da ULisboa. A iniciativa promove a integração dos novos residentes através de mentoria, dinâmicas de grupo e atividades que incentivam o espírito comunitário.

Recolha de Bagagem

Autoria: Ricardo Cerdeira
Edição: Ricardo Cerdeira
Ilustração: Ricardo Cerdeira

Caríssimo ex-namorado,

Se estás a ler isto é porque tu e a tua bagagem chegaram sãos e a salvo a Nova Iorque. Não consigo descrever o monte de felicidade e o quão orgulhoso estou que te tenha sido oferecido aquele emprego e de te poderes mudar para o estrangeiro. Sabes que esse sempre foi o meu sonho. Ainda tenho esperança que aconteça.

Pus esta carta na tua bagagem ontem à noite, enquanto estavas no duche em minha casa. Obrigado por escolheres passar a tua última noite no país comigo. Nunca a esquecerei. Embora já não estejamos a namorar, eu ainda estou profundamente apaixonado por ti. Eu amo tudo sobre ti: o teu sorriso, os teus braços, o teu cérebro, a tua...

Sei que concordamos em continuar amigos e manter o contacto, mas, realisticamente, eu sei que não vai acontecer. Vamos falar todos os dias, depois a cada poucos dias, depois a cada poucas semanas, depois a cada poucos meses, e depois nunca mais... Mais vale eu contar-te o que verdadeiramente sinto agora.

Às vezes, deito-me no chão do meu quarto com as luzes apagadas e choro porque estou a pensar em ti. Penso em todos os momentos que passámos juntos e em tudo aquilo que fizemos entre quatro paredes. Eu sei que isto faz de mim uma pessoa horrível, mas secretamente desejo que tudo te corra mal e que vá pelo cano abaixo, para não veres nenhuma solução, exceto voltar para Portugal. Nenhuma solução, exceto voltares para mim... Eu daria tudo para te ter novamente comigo, a dizeres-me que me amas.

É tão injusto! Porque é que me deixaste desta maneira?! Tu fizeste-me sentir especial! Tu fizeste-me sentir desejado e amado! Como é que te atreves a roubar-me isso?!

Também consegui pôr algumas coisinhas escondidas na sua bagagem de mão. Em primeiro, o talão do café de boba, onde tivemos o nosso primeiro encontro. Fiquei com ele todos estes anos, por nostalgia. Em segundo, o copo de plástico que levava para festas e arraias porque eu sabia que te ias esquecer do teu. Eles eram tipo 1€, portanto, tecnicamente, debes-me 9€. E em terceiro, as minhas cuecas cor de rosa com detalhes em renda de que gostavas tanto e que eu vestia em noites especiais. É um bocado estranho gostares de cheirá-las, mas gostas mais delas do que eu, de qualquer forma.

Agora que já não és meu, posso fazer tudo o que me apetecer. Vou ter saudades dos segredos entre mim, ti e os fechos das nossas calças, mas suponho que tenha de ser assim em alturas como esta...

ODEIO-TE
TANTO!!!!

NUNCA MAS TE
QUERO VER!!!!

Amo-te para sempre. Os melhores cumprimentos,
O teu ex-namorado.

P.S.: Traí-te, tipo, três vezes.

CRUZADEX



D'OCOLA



AMOR

COLA

~~FEIRA~~

MENTIRA

BRILHANTE

COROA

LIVRO

~~NAMORADO~~

CANETA

EMBALO

LUZ

SONHO

SUDOKU

NÍVEL FÁCIL

			1	7		5		6
1	9		4	6		3	7	
2	6	7		3	8	9		
	8	6	2		3		4	
7	1		8	9	6			3
5	2				4	8	6	9
8		9		2	5		3	
		2	3	8	1		9	
3	5	1	9			6		

NÍVEL MÉDIO

			7		8	6	5	
			3	4		1		
	5	8			6			4
9	8		1					5
		1	5		9			
	7				4		1	6
7			6			8		
6		5				4	7	
	1	3		2			6	9

SOLUÇÕES

3	5	1	9	4	7	6	8	2
6	4	2	3	8	1	7	9	5
8	7	9	6	2	5	4	3	1
5	2	3	7	1	4	8	6	9
7	1	4	8	9	6	2	5	3
9	8	6	2	5	3	1	4	7
2	6	7	5	3	8	9	1	4
1	9	5	4	6	2	3	7	8
4	3	8	1	7	9	5	2	6

8	1	3	4	2	7	5	6	9
6	2	5	9	8	3	4	7	1
7	9	4	6	5	1	8	2	3
5	7	2	8	3	4	9	1	6
4	3	1	5	6	9	2	8	7
9	8	6	1	7	2	3	4	5
1	5	8	2	9	6	7	3	4
2	6	7	3	4	5	1	9	8
3	4	9	7	1	8	6	5	2

SOPA de LETRAS

I	Y	E	W	M	E	G	A	G	A	B	K
D	Z	U	S	O	U	C	Y	H	S	M	T
T	X	Q	C	N	O	O	N	U	U	M	R
K	S	R	W	S	A	I	E	T	M	P	I
L	O	O	X	T	A	D	B	M	R	V	S
É	M	I	D	R	A	J	É	B	D	E	T
Y	S	A	L	O	C	D	C	C	Z	R	E
K	A	V	Z	V	I	O	B	P	I	J	Z
E	P	O	L	É	N	E	P	S	R	F	A
X	S	N	V	C	L	S	T	B	C	L	W
P	E	A	H	C	P	E	R	F	U	M	E
X	L	A	W	R	Z	I	B	T	J	F	I

ADEUS

CONCHA

MONSTRO

PERFUME

BAGAGEM

ESPASMOS

MUSA

RAINHA

BELEZA

JARDIM

NOVA IORQUE

TEIA

COLA

MEDIEVAL

PENÉLOPE

TRISTEZA

SEGUE O COLA NAS REDES SOCIAIS

Acompanha o teu jornal nas redes sociais para estares a par das nossas atividades! Estamos no *Instagram*, *X* e *Facebook*.



ACOMPANHA O NOSSO SITE

Gostavas de aceder às nossas publicações semanais e edições em formato digital? Acede ao nosso *site* através no *linktree* no nosso *Instagram* ou em www.jornalocola.com

PARTICIPA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

O jornal *O Cola* é um projeto de Letras para Letras. Neste sentido, temos todo o gosto em que faças parte dele! Se queres ver os teus artigos publicados ou ilustrar a próxima edição, lê os nossos Termos de Submissão (disponíveis no nosso *site*) e envia para jornalocola@gmail.com

O Jornal O COLA é um projeto de Letras para Letras.

Estamos sempre a aceitar os teus textos, poemas, ensaios, críticas, histórias (flash fiction, histórias curtas,...), reportagens, ilustrações, fotografias, entradas de diário, entre outros!



Acompanha-nos

-  @jornalocola
-  @jornalocola
-  @jornalocola
-  jornalocola@gmail.com
-  www.jornalocola.com

 Associação de Estudantes | FLUL
@aeflul
www.facebook.com/aeflulisboa